



Dukakis e Bush nas eleições de 88: rapidez na apuração AP

Uma lição de eficiência

PAULO SOTERO
Especial para o Estado

WASHINGTON — Às 6 horas da manhã do dia 9 de novembro do ano passado, apenas sete horas após o fechamento das últimas seções eleitorais na costa Oeste americana, 99% dos resultados das eleições presidenciais estavam apurados e tabulados. Na verdade, a contagem dos votos no Leste e na Região Central do país já havia determinado o resultado na noite anterior, levando o candidato democrata Michael Dukakis a fazer um discurso concedendo a vitória a seu rival republicano George Bush.

A rapidez da apuração dos resultados das urnas não se deve à eficiência do pessoal nem à qualidade dos computadores do Superior Tribunal Eleitoral dos EUA, mas, antes, à inexistência dessa instituição ou de qualquer órgão encarregado de fazer uma apuração oficial nacional dos votos. Ela se explica, na realidade, pela natureza descentralizada de um sistema eleitoral que está baseado em legislações estabelecidas por cada um dos cinquenta Estados do país e que em muitos casos difere até de cidade para cidade.

A tabulação nacional dos votos é uma atividade do setor privado, exercida pela imprensa, com base nos resultados oficiais de cada seção eleitoral, através do Elections News Service Inc, uma empresa com apenas 15 funcionários sediada na região de Wall Street, em Manhattan. O serviço foi criado há 25 anos e pertence às três grandes redes de televisão do país, a ABC, a CBS e a NBC, e às duas principais agências de notícias, a Associated Press e a United Press International.

Na última eleição presidencial nos Estados Unidos, por exemplo, perto de 90 milhões de eleitores (pouco menos da metade da população habilitada a votar) pronunciaram-se em 180 mil seções eleitorais. Em cerca de metade dessas seções de votação, que usaram cédulas de papel ou máquinas de votar, a apuração foi feita no próprio local, na

presença de fiscais dos candidatos, logo depois de terminado o prazo para votar. As máquinas de votar, que começaram a ser usadas na década de 50, somam os votos à medida em que eles são dados. Os totais estão disponíveis na própria máquina em registradores numéricos que obviamente só são revelados no final da votação.

Nas demais sessões eleitorais, o uso de cartões perfurados como cédulas impediu que a apuração se realizasse na própria seção eleitoral. Mas, nesses casos, não levou mais do que um par de horas para que os votos fossem levados até uma das 4.500 centrais de apuração distrital ou municipal espalhadas pelos 50 estados e colocados em leitoras eletrônicas capazes de traduzi-los em números.

Segundo Robert Flaherty, o diretor do Elections News Service, o trabalho de tabulação de votos feito por sua empresa mobiliza nada menos que 85 mil pessoas nos pleitos presidenciais. Muitos são jornalistas ou produtores das agências de notícias e de emissoras locais afiliadas das redes de televisão que financiam o serviço. Outros são membros de organizações cívicas. Esses repórteres têm a incumbência de transmitir a Nova York, por telex, fax ou telefone, os resultados finais apurados tanto nas seções quanto nas centrais de apuração. A autenticidade da informação fornecida é protegida por um sistema de códigos e chaves e, em Nova York, um time de editores tem a responsabilidade de procurar quaisquer anomalias que possam denotar equívocos na digitação dos números nos computadores IBM do serviço.

Muito antes de as seções de votação iniciarem a contagem dos votos, na noite das eleições, ou de o Elections News Service encerrar o seu trabalho, os eleitores ficam sabendo o provável resultado, estado por estado, graças às pesquisas de boca-de-urna feitas após a votação pelas três redes de televisão. São raríssimos os casos em que os resultados projetados dessa forma não coincidem com a contagem oficial.